

“O dia depois”



«Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós»
Jo 20, 21

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Joana e Pedro Sousa
Joaquim Palma (casal missionário)
Maria Dias
Maria do Carmo Lucena
Marta Morais Sarmento
Paula e Miguel Martins (casal missionário)

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

“O dia depois”

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Domingos de Verão
8	5 Julho - Domingo XIV do T.C.
12	12 Julho - Domingo XV do T.C.
16	19 Julho - Domingo XVI do T.C.
20	26 Julho - Domingo XVII do T.C.
24	2 Agosto - Domingo XVIII do T.C.
28	9 Agosto - Domingo XIX do T.C.
34	15 Agosto - Assunção da Virgem Santa Maria
39	16 Agosto - Domingo XX do T.C.
43	23 Agosto - Domingo XXI do T.C.
48	30 Agosto - Domingo XXII do T.C.
	PARTE II Viver a pandemia
56	Introdução
58	Testemunhos
	PARTE III Textos da Igreja
68	Introdução
69	Oração em tempo de pandemia, 27 de Março de 2020 - Papa Francisco
74	Fátima, 13 de Maio de 2020 - Cardeal D. António Marto
78	O que é amar um País, 10 de Junho de 2020 - Cardeal D. José Tolentino de Mendonça
82	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

“O dia depois”

Certamente nem vocês nem eu poderíamos ter imaginado uma coisa como a que se está a passar, no máximo poderíamos ter pensado tudo isto como um bom guião para um livro ou para um filme, mas nunca imaginando que se tornaria realidade.

Esta pandemia quase tem igualado o Mundo, mais do que o faria uma guerra, ainda que mundial, existindo apenas alguns países que ficam à margem, com alguns efeitos colaterais, mas não mais que isso.

O nosso já famoso Covid 19 é muito influente, tem dominado tudo, tem conseguido que não se fale de muitas coisas pois nas conversas, nos meios de comunicação, nas homilias, nos grupos, nos desportos, nas empresas, na vida social e política, na economia... só se fala disto, os outros temas ficaram em segundo, terceiro, ou quarto lugar, ou, até, deixaram de ser falados. Acertaríamos se disséssemos que é tema único.

O vírus, mais que influente, é ignorante, não sabe que existem continentes e países, fronteiras, muros, nem classes sociais, para ele não há nem ricos nem pobres, nem raças nem cores, nem cultos ou incultos, com grandes sucessos ou não. Para este bichito, todos e tudo é o mesmo, não faz diferenças, nem aceção de pessoas, trata todos por igual. Nisto até nos dá um exemplo.

Esta pandemia tem conseguido fazer com que muitos de nós tenhamos o coração conturbado, mais confuso que em outras ocasiões, estamos preocupados pelo futuro, que não controlamos, vivemos no meio da incerteza, insegurança, não sentimos segurança em lado nenhum, porque tudo nos parece instável, não temos certezas e tudo está em causa, todas as possibilidades em aberto. O que se vai passar? Como vai ser “O DIA DEPOIS?”

Vai-se aproximando o tempo de pensar no regresso a uma certa normalidade, para, novamente, recomeçar a nossa vida tal como a conhecíamos. Mas a realidade não será a mesma que conhecíamos, nada será igual, estamos num ponto de viragem em que haverá um antes e um depois, o nosso olhar mudou e, assim, também se alteraram as coisas para as quais olhamos, também mudou a nossa perspectiva e, por isso, veremos o que antes não víamos.

Estamos preparados para a mudança ou continuamos a ser tão ingénuos que ainda pensamos que vai continuar tudo igual?

Ontem, depois de 58 dias de confinamento, saí à rua pela primeira vez e até ir às compras foi diferente, exigiu de mim paciência, espera, respeito, obedecer às regras escritas no chão “distância de segurança”. O que mais estranhei foi dentro do supermercado, tinha consciência se me aproximava de alguém ou se alguém se aproximava de mim, observava se as pessoas levavam luvas ou não, desconfiava que alguns não o faziam bem, julguei, no meu interior, sem conhecer; mas também me senti muito agradecida pelo silêncio, pela compreensão, pelos olhares nos olhos, uma parte do corpo de que tanto se fala e de que, dantes, se calhar, não se tinha tanta consciência. Foi bom ver os empregados do supermercado atenciosos, facilitadores, experimentei, também, humanidade. Tudo isto contribuiu para ter a certeza de que tudo será diferente.

“O DIA DEPOIS” vai depender muito de como agora estou a reagir, a trabalhar os meus sentimentos, a gerir os meus afetos, a acolher os meus defeitos e os dos outros... agora é o momento certo, o momento de aprender, de decidir, de começar a responder às perguntas que me faço e que sei que os outros também fazem, já tenho de tomar pequenas ou grandes decisões e, sobretudo, tenho de decidir se o caminho a seguir é pela solidariedade, pela bondade, pelo sorriso, pelo acolhimento, pelo saber escutar e saudar, abraçar, e ser e comportar-me como irmão, ou se será o oposto que farei. Não será no “dia depois” que vou decidir tudo, se não o tiver

pensado devidamente durante o tempo que o antecedeu.

Lembrei-me, nestes momentos, da Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios na qual se diz: *"(...) Trazemos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que se veja que este extraordinário poder é de Deus e não é nosso. Em tudo somos atribulados, mas não esmagados; confundidos, mas não desesperados; perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não aniquilados; Trazemos sempre no nosso corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus seja manifesta no nosso corpo.(...)"* (2Cor 4, 7-10).

Parece ser precisamente esta a nossa situação.

Sim, temos um grande tesouro, esta vida abundante que Deus nos ofereceu na criação, e que colocou na fragilidade do barro com o qual nos modelou. Hoje, mais que nunca, experimentamos a fragilidade, a tribulação, os apuros, estamos abatidos, com sinais de morte, mas também temos a certeza que Jesus, com a Sua ressurreição, tem conquistado para nós a esperança, o conforto, o amparo, um chão pelo qual podemos caminhar e um caminho para atingir a meta. Tem para nós *"VIDA e VIDA em abundância"* (Jo 10, 10).



parte I **Domingos de Verão**

Aprende de mim

Zc 9,9-10 «Louvarei para sempre o vosso nome, Senhor, meu Deus e meu Rei.

Sl 144 (145) Quero exaltar-Vos, meu Deus e meu Rei, e bendizer o vosso nome para sempre.

Rm 8,9.11-13 Quero bendizer-Vos, dia após dia, e louvar o vosso nome para sempre.

Mt 11,25-30 O Senhor é clemente e compassivo, paciente e cheio de bondade.

O Senhor é bom para com todos, e a sua misericórdia se estende a todas as criaturas.

Graças Vos deem, Senhor, todas as criaturas e bendigam-Vos os vossos fiéis.

Proclamem a glória do vosso reino e anunciem os vossos feitos gloriosos.

O Senhor é fiel à sua palavra e perfeito em todas as suas obras.

O Senhor ampara os que vacilam e levanta todos os oprimidos.»

(Sl 144 (145))

«Naquele tempo, Jesus exclamou: “Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, Eu Te bendigo, porque assim foi do teu agrado. Tudo Me foi dado por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e a minha carga é leve”.» (Mt 11, 25-30)



Confiança, humildade, esperança. Estas são algumas das palavras que me vêm à ideia ao rezar as leituras de hoje. Todas elas me parecem desafios maiores do que eu... Como confiar sempre em Deus, em Jesus, no Espírito? Como fazer-me pequenina? Como manter a luz da esperança sempre acesa? Muitos dias, vivo muito mais na tentação de sentir o oposto: a desconfiança, a soberba, a desesperança. Como não desconfiar e não desesperar neste mundo e neste momento, tão único e imprevisível? Como fugir à tentação de pensar que tudo depende de mim e da minha capacidade de resolver as coisas?

Mas, depois, paro. Rezo. Lembro-me de todos os momentos em que senti realmente que Jesus estava. Olho para trás - e vejo que sozinha não teria conseguido. E que, mesmo sem ter consciência disso, confiei, esperei o melhor. E de como tudo se tornou, como diz a leitura, mais fácil, mais leve.

Lembro-me, concretamente, de duas situações: há uns anos, de um dia para o outro, o meu pai ficou muito doente, à beira da morte. Depois de uma luta, que durou várias semanas, ficou curado. Ainda hoje, quando penso nesses dias, sinto como Jesus me levou ao colo, me deu forças para estar presente, para apoiar a minha mãe e a família, para nunca deixar de acreditar, e para transmitir aos outros essa esperança. Na altura, só rezava de enfiada pais-nossos e ave-marias, nem tinha consciência de que há um amor maior que nos une, uma “cola” que nos agrega, que nos mantém unidos a Deus e uns aos outros. Depois desse momento, esta consciência do amor de Deus passou a estar muito mais presente nos momentos difíceis, já consigo, mais vezes, reconhecê-Lo no presente, e não apenas depois de tudo ter passado. Outra situação, mais recente e muito menos grave, foi no trabalho, num projeto muito difícil de concretizar, com muitos entraves, muitos problemas logísticos e humanos. Não tenho dúvida nenhuma de que o exemplo e a

presença de Jesus foi o que me deu esperança, me ajudou a fazer pequenina, a suportar alguns desagrvos, a tornar leve algo que já me pesava muito. Por fim, tudo se foi resolvendo, e o projeto concretizou-se.

São duas histórias com finais felizes as que partilhei convosco. Mas, e quando o final não é assim tão feliz? Como confiar? Como aceitar o que não depende de nós? Como ter esperança? É tão difícil, por vezes! Tão difícil que tendemos a esquecer o mais importante: que somos filhos, que somos amados, que temos o colo de Maria para nos acolher. Quem tem filhos, ou quem se lembra de quando era pequeno e os pais eram a sua segurança (não são sempre?), sabe que, mesmo quando os filhos estão zangados com os pais, o amor destes nunca é menor. Até é maior, porque os pais veem os filhos a escolher o caminho do isolamento, do desamor, e amam-nos ainda mais. Assim é o amor de Deus connosco. E nós precisamos apenas de o aceitar, de nos deixarmos amar, de Lhe entregar os nossos cansaços, as nossas tristezas, o que nos oprime. Nem sempre conseguimos, é verdade, mas quando o experimentamos, sentimos que é possível viver em paz, em amor. Não quer dizer que estejamos sempre felizes, mas sentirmo-nos amados e consolados, também na dificuldade, é um dom e uma enorme bênção. Peçamos, pois, para estarmos abertos e recetivos ao amor. Deixemos que Jesus nos acompanhe, nos ajude, nos carregue quando precisamos. E não nos esqueçamos de partilhar também com Jesus as nossas alegrias!

Obrigada, Senhor, por seres paciente connosco, por nos amares sempre.

Obrigada, Jesus, por seres o exemplo maior do amor do Pai, pela Tua humanidade, que nos aproxima de Deus, e por nos teres deixado o Espírito que nos anima.

Obrigada, Maria, pelo teu colo e pelo teu exemplo de mãe e de amor.

Deus é um tu

“À pergunta «Onde mora Deus?», Martin Buber conta a resposta que deu um mestre sábio que temos de ouvir: «Deus mora onde o deixamos entrar.»”

“Podemos ter tido experiências familiares negativas ou extraordinariamente positivas. Podemos ter padecido dificuldades ou ter recebido, no fundo, só alegrias. Isso não conta demasiado, porque quem fez uma experiência ou outra é igualmente chamado a deixar pai e mãe para descobrir este Deus que é Pai, e descobri-lo no fundo de si mesmo.”

“Não há receitas para a experiência de Deus. Cada encontro é único. O importante é que nos sintamos verdadeiramente sujeitos desta história de amor que o Senhor quer viver connosco.”

(José Tolentino Mendonça, *Uma beleza que nos pertence*, Lisboa: Quetzal, 2019, pp. 57, 59, 62)



Tempo com Deus, pessoal e intransmissível

Is 55,10-11 «Naquele dia, Jesus saiu de casa e foi sentar-Se

Sl 64 (65) à beira-mar. Reuniu-se à sua volta tão grande
sentar-Se, enquanto a multidão ficava na

Rm 8,18-23 margem. Disse muitas coisas em parábolas,
nestes termos: “Saiu o semeador a semear.

Mt 13,1-23 Quando semeava, caíram algumas sementes ao
longo do caminho: vieram as aves e comeram-
nas. Outras caíram em sítios pedregosos, onde

não havia muita terra, e logo nasceram, porque a terra era pouco profunda; mas depois de nascer o sol, queimaram-se e secaram, por não terem raiz. Outras caíram entre espinhos e os espinhos cresceram e afogaram-nas. Outras caíram em boa terra e deram fruto: umas, cem; outras, sessenta; outras, trinta por um. Quem tem ouvidos, oiça”»

(Mt 13, 1-9)



Todos imaginamos Jesus como um homem em missão constante. De facto, do que conhecemos dos Seus últimos anos, cada episódio que nos é narrado acaba por ser demonstrativo disso...

Convido-vos a ficar algum tempo pela primeira frase desta leitura: *“Naquele dia, Jesus saiu de casa e foi sentar-Se à beira-mar”*.

Quando comecei a rezar esta leitura, demorei um pouco a contemplar, e efetuei o exercício da “composição do lugar”... A ação de Jesus de sair de onde estava, na companhia de outros, para procurar para estar só, na Companhia do Pai, a contemplar o mar. Nada indiciava o que viria depois, e Jesus, como homem que era, também necessitava do Seu tempo...

Neste tempo que tenho vivido, de confinamento, tal como muitas outras pessoas um pouco por todo o mundo, o tempo apenas para mim é algo caro, muito raro. Reconheço este tempo cada vez mais como fundamental para o equilíbrio de qualquer ser humano. Experimento que tal não deixa de ser verdade, mesmo quando estamos perante a companhia de pessoas que amamos muito, como é o caso da família nuclear. Desejar este tempo não me torna, por isso, pior pessoa.



Acredito que este tempo individual, de que todos necessitamos (porventura, mais ou menos conscientes disso...), é “tempo para me contemplar”, “tempo para me observar”. Como crente, é o tempo de me colocar em perspectiva perante uma presença de algo maior que nós, cristãos, confiamos ser marcada pelo Amor e pela Misericórdia...

É, no fundo, um tempo de me deixar inspirar por este Amor maior e expirar a “poeira interior” que me habita e cobre muitas vezes aquilo que é o essencial que levo por dentro. É o tempo de deixar o ar “alimentar-me” de vida e... senti-lo no seu percurso mais ou menos constante, a entrar e a sair, como o mar que vai e vem! Sentir!

Também Jesus procurava, porventura, este tempo para Si, colocando em perspectiva toda a intensidade dos dias que vivia e, perspectivando os que viriam depois, em profunda relação com Deus. As Suas palavras “matavam” a sede que sempre habita cada homem e cada mulher e, por conseguinte, procuravam-No de forma insistente e o Seu tempo pessoal e de oração era sempre pouco...

O tempo de Jesus foi sempre um bem escasso, não só o tempo para Si mas também para com quem se cruzava e com quem estava... Em muitas passagens, experimento quase um “grito” de Jesus para que lhe prestemos atenção e escutemos verdadeiramente as Suas palavras. Nesta parábola, Jesus fala com este mesmo pragmatismo, mas muitos não O escutarão nem seguirão o Seu convite de conversão.

Que o tempo individual que cada um possa ter seja oportunidade de criar em si mesmo as condições para que as sementes que Jesus nos lança caiam em terra boa, possam germinar e dar frutos, frutos que permaneçam.

Boas férias, permaneça em segurança.

Sentir

*Sente a brisa,
Sente o mar,
Sente o outro olhar,
Sente... porque sentir não te escraviza.*

*Sente o vento,
Sente o bater,
Sente o ceder,
Sente... porque sentir dá alento.*

*Sente a tempestade,
Sente o deixar ir,
Sente o partir,
Sente... porque sentir cria saudade.*

(Paulo Silva Vieira)

A imperfeição: caminho e necessidade de discernimento

Sb 12,13.16-19 «O Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza, porque não sabemos que pedir nas nossas orações; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis.»
Sl 85(86)
Rm 8,26-27 (Rm 8, 26)

Mt 13,24-43 «Naquele tempo, Jesus disse às multidões mais esta parábola:
“O reino dos Céus pode comparar-se a um homem que semeou boa semente no seu campo. Enquanto todos dormiam, veio o inimigo, semeou joio no meio do trigo e foi-se embora. Quando o trigo cresceu e começou a espigar, apareceu também o joio.

Os servos do dono da casa foram dizer-lhe:

‘Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem então o joio?’.

Ele respondeu-lhes: ‘Foi um inimigo que fez isso’.

Disseram-lhe os servos:

‘Queres que vamos arrancar o joio?’.

‘Não! – disse ele – não suceda que, ao arrancardes o joio, arranqueis também o trigo. Deixai-os crescer ambos até à ceifa e, na altura da ceifa, direi aos ceifeiros: Apanhai primeiro o joio e atai-o em molhos para queimar; e ao trigo, recolhei-o no meu celeiro?’».

(Mt 13, 24-30)

Senhor, perante esta parábola do trigo e do joio, sou sempre confrontado com uma maneira diferente de ver a realidade: com a Tua maneira de ver a realidade. Ao mesmo tempo, sou convidado a mudar a minha visão tornando-a mais parecida com a Tua.

Ao explicares esta parábola aos discípulos, remetes a explicação para o fim dos tempos, para o juízo final.

Mas ao rezar este texto, nestes dias, descobri-me convidado a olhar para mais perto. Convidado a olhar para a realidade à minha volta. Convidado a olhar para a minha vida. Convidado a olhar para mim.

Esta leitura apresenta uma realidade imperfeita e nada ideal: existia joio num campo que fora semeado apenas com trigo. Mas a minha realidade, a nossa realidade, é assim. E já era assim mesmo antes de nos vermos no meio desta pandemia do coronavírus.



A minha, a nossa, realidade não é uma realidade ideal. Vejo-me envolvido numa realidade (exterior e interior) que tem, simultaneamente, momentos positivos e negativos.

Contrariamente ao dono do campo, que prefere não perder um grão de trigo e, por isso, não deixa arrancar o joio, eu frequentemente desespero por a realidade ser como é e não como eu gostaria que fosse.

Lendo e relendo esta passagem do Evangelho de Mateus encontro o convite a mudar o modo como encaro a minha vida, a mudar o modo como me encaro.

Ter deixado crescer o joio não foi dar-lhe o mesmo valor que ao trigo. Não foi uma opção pelo conformismo. Foi, isso sim, uma opção por não perder nenhum grão de trigo, por valorizar e proteger o trigo. Foi encontrar o melhor momento para separar do trigo do joio.

Somos convidados a fazer o mesmo nas nossas vidas e nos nossos corações. A saber escolher como obter o melhor de cada situação. De como converter quer o coração, quer a realidade que nos rodeia, da melhor forma possível.

No entanto, só é possível fazer isto com discernimento. Escolhendo o Teu modo de encarar a realidade e a vida. Mas sozinhos não sabemos como o fazer. A Carta aos Romanos, no entanto, assegura-nos que o Teu Espírito vem em nosso auxílio, pedido aquilo que nós não sabemos que necessitamos. Que possamos ser dóceis à Sua ação em nós.

Devemos ter consciência de que nos nossos corações convivem, e crescem, o “trigo” e o “joio”. Peça-mos ao Senhor Jesus que o nosso olhar, sobre essa realidade, possa ser convertido num olhar de esperança. Tu tens esperança em cada um de nós. Ajuda-nos a ter essa mesma esperança em nós e nos outros.

Ainda estamos no meio desta pandemia. Procuremos discernir o que podemos fazer de modo a ajudar todos a viver estas circunstâncias, da melhor forma possível.

Que as medidas de contenção do vírus não nos fechem sobre nós e possamos, na medida das nossas possibilidades, ser facilitadores e construtores duma nova realidade mais fraterna.

*Todos os dias abrimos os olhos, mas não o suficiente
Vemos descontentes a imperfeição e a pedra
Olhamos com desgosto – em nós e nos outros –
o avesso e a costura
e não nos damos conta
que poder observar com amor o avesso
se torna preciosa aprendizagem de caminho
Pois aquilo, precisamente aquilo
que hoje identificares como pedra
Deus vem ensinar-te
a transformar em estrela*

(José Tolentino Mendonça,
Poema “*Todos os dias abrimos os olhos*”)

O mapa do Tesouro

- 1 Rs 3,5.7-12 «Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “O reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido num campo. O homem que o encontrou tornou a escondê-lo e ficou tão contente que foi vender tudo quanto possuía e comprou aquele campo. O
- Sl 118 (119) reino dos Céus é semelhante a um negociante que procura pérolas preciosas. Ao encontrar
- Rm 8,28-30 uma de grande valor, foi vender tudo quanto possuía e comprou essa pérola. O reino dos Céus é semelhante a uma rede que, lançada ao mar, apanha toda a espécie de peixes. Logo que se enche, puxam-na para a praia e, sentando-se, escolhem os bons para os cestos e o que não presta deitam-no fora. Assim será no fim do mundo: os Anjos sairão a separar os maus do meio dos justos e a lançá-los na fornalha ardente. Aí haverá choro e ranger de dentes. Entendestes tudo isto?” Eles responderam-Lhe: “Entendemos”. Disse-lhes então Jesus: “Por isso, todo o escriba instruído sobre o reino dos Céus é semelhante a um pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas”.»
- Mt 13,44-52

(Mt 13, 44-52)



Reino de Deus é o tesouro que dispensa todos os outros. Ficar sem nada para ter tudo. Dar o velho pelo novo, o conhecido de todos os dias pelo conhecido de sempre da nossa alma. Quando se OLHA e descobre, tem de haver a certeza de que é a única riqueza que vale a pena guardar.

Não há um mapa para lá chegar, não há técnicas nem cursos. Por mais que se escreva, hoje em dia, sobre desenvolvimento humano e espiritual e que as promessas de novos caminhos sejam até em excesso, a experiência de encontro com Deus é uma experiência única, intemporal, sem medidas. A sabedoria, como diz a Primeira Leitura, tem que ser o primeiro desejo do coração pois é por Ela que nos guiamos para Deus. É um dom, o maior de todos.

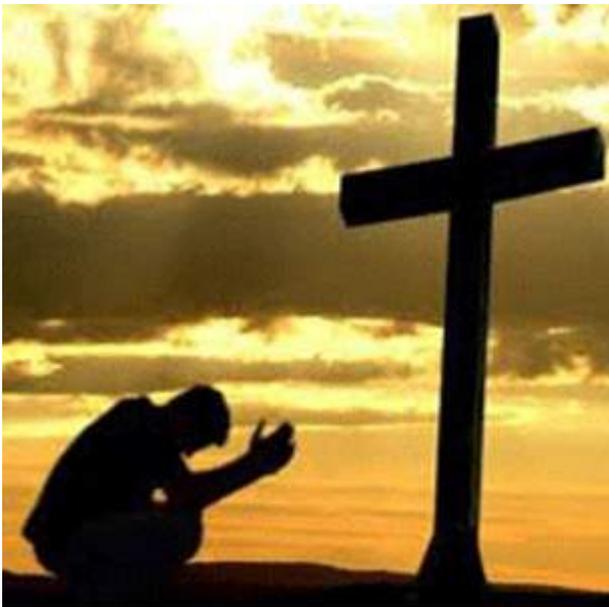
Hoje, a algumas semanas deste Domingo, questiono-me onde estarei nesta data. Todos ficámos a conhecer a imprevisibilidade do futuro próximo. O verão é aquele tempo do ano que se assemelha ao auge da vida adulta. É o tempo em que sabe bem aproveitar o dia e as noites, passear, viajar, conviver, receber tudo o que é novo. Expandir. Mas neste verão vamos ser convidados ao contrário: ficar, conter, recolher, REDESCOBRIR.

Podemos passar exatamente pelos mesmos caminhos, mas ter um olhar novo sobre a vida que se apresenta. O homem do Evangelho devia conhecer aquele campo como a palma das mãos, era por ali que passava todos os dias. Só num desses dias, num instante, foi capaz de perceber que alguma coisa naquela terra, ou por baixo daquela rocha, era diferente.

Não tropeçamos em tesouros e não vamos ter visões. Não há jogos de sorte e azar na nossa relação com Deus, e a experiência mística não acontece por coincidência. Há um chamamento (para todos, ninguém está fora deste convite), há um amaciar do nosso coração e do olhar que, com o tempo, se abre aos dons do Espírito, e há a

resposta final (“vender tudo”). Acredito que o que mais depende de nós é a abertura ao Espírito. É uma graça recebê-lo, mas é preciso trabalho interior. Não duvido que é pela oração que o nosso coração é amaciado e, mesmo sem o percebermos no imediato, que o nosso olhar muda, tornando-se mais grato e compassivo. E isto não é sinónimo de ficarmos em paz. Às vezes (tantas vezes!) a oração pode trazer ainda mais confronto porque falamos com Deus a partir das nossas sombras. Se pela oração não nos abrimos ao Espírito, então não é oração.

O Tesouro está fora, mas o mapa está dentro. É de cada um, e é só nosso. Não há que procurar porque já cá está. É preciso REENCONTRAR.



Não devemos colocar de um lado o sonho de uma vida autêntica e de outro a vida ordinária que vivemos. É no encontro das duas que a nossa existência refulge. O maior tesouro é poder cumprir a existência que está, aqui e agora, ao meu dispor. Uma outra história da tradição hassídica diz o seguinte: Um dia, ao receber em sua casa alguns homens ilustres, o Rabi Mendel de Koretz surpreendeu-os com esta pergunta: “Onde mora Deus?” Perante a reação embaraçada dos seus hóspedes, o próprio Rabi acrescentou: “Deus mora onde o deixamos entrar.”

(D. Tolentino Mendonça, “O Mapa do Tesouro” in Expresso)

Procurar o que nos alimenta!

Is 55,1-3 «Eis o que diz o Senhor: “Todos vós que tendes sede, vinde à nascente das águas. Vós que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei. Vinde e comprai, sem dinheiro e sem despesa, vinho e leite. Porque gastais o vosso dinheiro naquilo que não alimenta e o vosso trabalho naquilo que não sacia? Ouvi-Me com atenção e comereis o que é bom; saboreareis manjares suculentos. Prestai-Me ouvidos e vinde a Mim; escutai-Me e vivereis. Firmarei convosco uma aliança eterna, com as graças prometidas a David”.»
(Is 55, 1-3)

Podemos olhar para a vida egoisticamente ou vivê-la através da capacidade de dar aos outros. A primeira é a mais fácil! Tem, contudo, algumas limitações. Raramente conseguimos estabelecer os limites do que será razoável gastar connosco. Quanto tempo preciso para mim ao longo do dia? Que percentagem do meu orçamento devo gastar na minha própria diversão? O caminho do egoísmo tolda-me o discernimento. Cria-me a compulsão do ter, do experimentar, do subir mais alto na pirâmide social. Somos capturados como o pequeno Pinóquio na feira, atraídos por tudo o que brilha, esquecemo-nos das nossas motivações iniciais.

A questão de fundo é que os meus desejos mais superficiais acabam por abafar os meus desejos profundos. O que quero é o que brilha, o que me dá conforto ou protagonismo. O brilho de que nos fazemos rodear ofusca-nos e impede-nos de olhar para horizontes mais vastos. Chego a pensar que o que quero para mim é o mesmo que Deus quer. Fecho-me tanto que confundo os meus desejos com os de Deus. Andamos tão ensimesmados que o nosso reflexo se confunde com o rosto de Deus. O Deus do nicho do meu lindo quarto, onde até me posso isolar em oração ao fim do dia, mas onde este encontro com o Divino se torna mais difícil. Do outro lado temos o convite de Isaías, tantas vezes atendido na história dos homens. De olhar para Deus e procurar Nele uma aposta intemporal. Santa Teresa de Calcutá dizia que a sede só está saciada, quando a sede dos últimos dos últimos também o estiver. É nessa altura que existe um estado de alma equivalente a “manjares suculentos” de que nos fala o profeta. É curiosa a imagética usada no texto, à luz da qual o egoísmo aparece associado ao dinheiro, à comida e à bebida.

Neste período de confinamento, vejo tantas pessoas preocupadas em não poder ir a restaurantes. Abro um jornal e parece-me que os “foodies” são os novos poetas, os escanções os novos escritores, os

restaurantes os novos templos sacrossantos. Os nossos medos já não são os de não ter o suficiente para sobreviver, mas sim de perder o que está a acontecer, medo de passar ao largo.

Quem diria que este texto de Isaías tem 2500 anos! É tão fácil desperdiçar o que temos em tanta coisa... Esquecermo-nos do propósito por que fomos criados, por que temos talentos? Por que nos foi confiado tanto?



“A oração ajuda-nos a estar na presença de Deus com tudo aquilo que temos e somos: medos e ansiedades, culpa e vergonha, as nossas fantasias sexuais, a nossa ganância e a nossa raiva, as nossas alegrias, os sucessos, as aspirações e as esperanças, as nossas reflexões, os sonhos e divagações e, acima de tudo, a nossa relação com a família, amigos e inimigos; em suma, tudo aquilo que faz de nós o que somos. Com toda esta bagagem, devemos escutar a voz de Deus e permitir que Ele nos fale em cada recanto do nosso ser.”

(Henri J. M. Nouwen, em "Acompanhamento espiritual - Sabedoria para percorrer o longo caminho da fé" (Introdução))

Olhados por Deus

1 Rs 19,9a.11-13a «Naqueles dias, o profeta Elias chegou ao monte de Deus, o Horeb, e passou a noite numa gruta. O Senhor dirigiu-lhe a palavra, dizendo: “Sai e permanece no monte à espera do Senhor”. Então, o Senhor passou. Diante d’Ele, uma forte rajada de vento fendia as montanhas e quebrava os rochedos; mas o Senhor não estava no vento. Depois do vento, sentiu-se um terramoto; mas o Senhor não estava no terramoto. Depois do terramoto, acendeu-se um fogo; mas o Senhor não estava no fogo. Depois do fogo, ouviu-se uma ligeira brisa. Quando a ouviu, Elias cobriu o rosto com o manto, saiu e ficou à entrada da gruta.»

(1 Rs 19, 9a. 11-13a)

«Depois de ter saciado a fome à multidão, Jesus obrigou os discípulos a subir para o barco e a esperá-l’O na outra margem, enquanto Ele despedia a multidão. Logo que a despediu, subiu a um monte, para orar a sós. Ao cair da tarde, estava ali sozinho. O barco ia já no meio do mar, açoitado pelas ondas, pois o vento era contrário. Na quarta vigília da noite, Jesus foi ter com eles, caminhando sobre o mar. Os discípulos, vendo-O a caminhar sobre o mar, assustaram-se, pensando que fosse um fantasma. E gritaram cheios de medo. Mas logo Jesus lhes dirigiu a palavra, dizendo: “Tende confiança. Sou Eu. Não temais”. Respondeu-Lhe Pedro: “Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas”. “Vem!” – disse Jesus. Então, Pedro desceu do barco e caminhou sobre as águas, para ir ter com Jesus. Mas, sentindo a

violência do vento e começando a afundar-se, gritou: “Salva-me, Senhor!”. Jesus estendeu-lhe logo a mão e segurou-o. Depois disse-lhe: “Homem de pouca fé, porque duvidaste?”. Logo que subiram para o barco, o vento amainou. Então, os que estavam no barco prostraram-se diante de Jesus, e disseram-Lhe: “Tu és verdadeiramente o Filho de Deus”.»

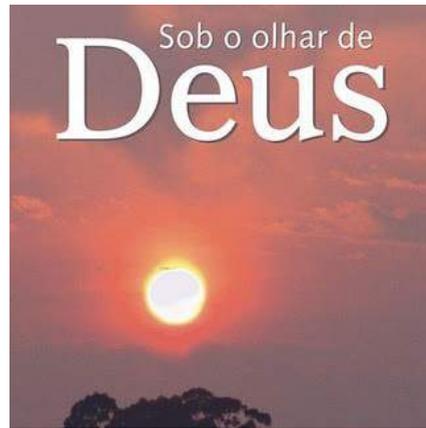
(Mt 14, 22-33)

Estas leituras falam muito em reconhecer a voz do Senhor, em confiar naquilo que Ele nos diz... em arriscar a confiar. A confiar e avançar por caminhos nunca antes percorridos, como aqueles que vivemos agora.

Nestes tempos de confinamento, percebi que na minha oração acho sempre que sou eu quem tenho de fazer tudo - colocar todos os esforços, contar o tempo, “afinar” a minha escuta - e esqueço-me de que Tu também estás presente, também pões os Teus meios, também percorres (pelo menos) metade do caminho e, por isso, tenho vindo a aprender a pedir a graça de Te conseguir ouvir, a graça de conseguir calar as outras vozes que habitam em mim, a graça de Te conhecer, ou re-conhecer... de entrar na tua intimidade. Um dia destes de manhã, ainda estava meia a dormir e ouvi os passos de um dos meus filhos no corredor e, pelo modo como andava, como pisava o chão, soube qual deles tinha acordado... E pensei: e tu, Senhor, também reconhecês o som dos meus passos? E eu, reconheço o som dos Teus passos? A forma como tantas vezes intervéns e passas na minha vida?... Quanta intimidade é preciso, quanta convivência é precisa para termos este reconhecimento? É porque é este o reconhecimento que eu quero ter, é esta a oração, a intimidade que eu procuro!

Elias sobe ao monte para procurar Deus - a que monte subo eu para Te ouvir? Quanto espaço Te dou na minha vida? No domingo passado ouvi umas pistas que me fizeram perceber um bocadinho mais o caminho de Pedro, mas também o muito que, se calhar, cada um de nós (já) tem de Pedro em si: Pedro, que Te amou, Te seguiu, que teve medo, dúvidas, Te traiu, mas que também teve a graça de sentir o Teu olhar e perceber o que tinha feito, que senti na sua vida a misericórdia de Deus; e soube reconhecer a oportunidade de fazer de novo, de recomeçar, de se perceber amado, apesar da sua pequenez, das suas limitações, da sua inconstância, da sua “mania” de fazer aqueles pequenos testes, como dizer: «*Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas*»... como nós às vezes fazemos!

Pedro descobriu o olhar de Deus e deixou que esse olhar “entrasse” verdadeiramente dentro dele: deixou que Deus não só olhasse por ele, mas que olhasse para ele, para o seu interior, para o seu íntimo. E que esse amor se entranhasse no seu coração e verdadeiramente o transformasse. E eu? Deixo-me olhar por Deus? Porque às vezes parece que fico à espera que



Deus me diga que sonho tem para mim, como se fosse uma roupa que me arranja para eu vestir... Quando me abro à graça de ser olhada por Deus, abro-me à graça de ser reconstruída, re-ligada, reconciliada pelo Seu olhar. Assim, Senhor, peço-Te, que sejamos capazes de nos abirmos à graça de sermos olhados por Ti e que, à medida que formos descobrindo o Teu olhar amoroso em nós, vamos sendo capazes de olhar o outro dessa mesma maneira: amorosa. Verdadeira. Misericordiosa. «*Tende confiança. Sou Eu. Não temais*».

Saltar no escuro... e não olhar para trás

Depois, Jesus obrigou os discípulos a embarcar e a ir adiante para a outra margem, enquanto Ele despedia as multidões. Logo que as despediu, subiu a um monte para orar na solidão. E, chegada a noite, estava ali só. O barco encontrava-se já a várias centenas de metros da terra, açoitado pelas ondas, pois o vento era contrário. De madrugada, Jesus foi ter com eles, caminhando sobre o mar. Ao verem-no caminhar sobre o mar, os discípulos assustaram-se e disseram: «É um fantasma!» E gritaram com medo. No mesmo instante, Jesus falou-lhes, dizendo: «Tranquilizai-vos! Sou Eu! Não temais!» Pedro respondeu-lhe: «Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas.» «Vem» - disse-lhe Jesus. E Pedro, descendo do barco, caminhou sobre as águas para ir ter com Jesus. Mas, sentindo a violência do vento, teve medo e, começando a ir ao fundo, gritou: «Salva-me, Senhor!» Imediatamente Jesus estendeu-lhe a mão, segurou-o e disse-lhe: «Homem de pouca fé, porque duvidaste?» E, quando entraram no barco, o vento amainou. (Mateus 14, 22-32)

Às primeiras horas da madrugada, o som de um alarme de incêndio interrompeu o silêncio e, no momento exato, despertou uma família para o choque de ver a sua casa envolvida pelas chamas. Sem tempo para salvar o que quer que fosse a não ser as suas próprias vidas, desceram as escadas a correr e escaparam para a escuridão. Ainda a recuperar o fôlego, o Pai contava os filhos: «João, Ana, Maria, Miguel... – onde está o Miguel?»

Naquele preciso momento, o Miguel, de cinco anos, chorava de uma das janelas do primeiro andar: «Mãe! Pai! Onde estão?»

Era demasiado tarde para voltar a entrar – a casa estava um inferno – pelo que o Pai respondeu: «Salta, Miguel, que eu seguro-te».

Entre soluços, a criança chorava: «Mas eu não consigo ver-te, papá!»

O pai respondeu-lhe calmamente: «Eu sei que não me consegues ver, filho, mas eu vejo-te. Salta!»

Durante alguns instantes não houve nada a não ser o silêncio. Então o rapaz saltou para a escuridão e encontrou a segurança nos braços do pai.

Nós somos aquela criança, todos nós, todos os dias: apanhados no escuro, precisando e querendo saltar, mas incapazes de ver onde vamos cair, sentindo-nos sós e assustados. Somos também Pedro, querendo andar sobre a água em direção a Jesus, mas hesitamos e deixamo-nos submergir.

“O medo é inútil”, disse muitas vezes Jesus. “O que é preciso é fé”. Está certo, mas a fé de que Ele fala não é o que muitos de nós pensamos. Não se tratam de abstrações teológicas. Trata-se de nos confiarmos às mãos de Deus porque sabemos que Ele nos ama mais do que nós nos amamos a nós mesmos.

Mas ainda que esta ideia esteja clara, podemos ainda ficar desorientados por pensarmos que, ao confiar em Deus, Ele nos protege do fracasso e da dor. A promessa não é essa. A promessa de Deus para aqueles que nEle confiam é esta: Ele dar-nos-á a força para enfrentar todos os problemas que surgirem, e nunca deixará que sejamos destruídos por eles, ainda que morramos.

Mas a fé tem ainda outro lado: os talentos e dons que Deus nos deu porque Ele teve fé em nós. Pedro perdeu a fé nos dons que Deus lhe havia dado e esperou que Deus resolvesse o problema. Resultado: afundou-se! Confiar em Deus significa também confiar nos seus dons. E confiar nos seus dons significa usá-los.

Há uma antiga expressão que diz: Trabalha como se tudo dependesse de ti, e reza como se tudo dependesse de Deus. É precisamente o que é necessário, mas não é fácil aplicá-lo porque não conseguimos ver Deus, e demasiadas vezes não conseguimos ver os nossos dons. Pode ajudar recordar as palavras escritas há mais de 50 anos na parede do gueto de Varsóvia:

Acredito no sol, ainda que não brilhe.

Acredito no amor, ainda que não o sinta.

Acredito em Deus, ainda que não O veja.

Confie em Deus e confie nos dons que Ele lhe deu. Ou seja, use os seus dons. E então salte! E nunca olhe para trás!

(Mons. Dennis Clark In Catholic Exchange,
Pastoral da Cultura 20.11.10)

Maria está e estará sempre

Ap 11,19a;
12,1-6a.10ab

Sl 44 (45)

1 Cor 15,20-27

Lc 1,39-56

«Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que

venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor.” Maria disse, então: “A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas. Santo é o seu nome. A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias. Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre.” Maria ficou com Isabel cerca de três meses. Depois regressou a sua casa.»

(Lc 1,39-56)

Muitos de vocês sabem que fazer o caderno de oração é muito parecido com a preparação de um desfile de “alta costura”; sem querer ser pretenciosa, a organização é mais ou menos a mesma: há que começar com tempo, mesmo com bastante tempo, que dê para repartir, rezar, corrigir, procurar textos, desenhos, fotos, verificar a versão final, imprimir, montar, enviar... Só depois de tudo isto chega às vossas mãos como uma ferramenta cuidada, acarinhada, para que ajude muitos a encontrarem-se com Jesus.

Até agora, tudo isto não me fazia confusão. Mas este ano sim. Calhou-me rezar o 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Assunção. Hoje, estamos em meados de maio e estamos nesta situação de pandemia. Dentro de três meses, como será?

Estaremos nesse desejado dia depois, ou não?

Quero pensar que poderemos sair com certa normalidade das nossas casas, ir às compras com mais facilidade, participar na Eucaristia, visitar a família, mobilizar as nossas aldeias, poder ir de férias.. Mas, se calhar, ainda estaremos confinados e em estado de alerta, preocupados, sem nos podermos abraçar, olhando pela janela, falando só do covid19, em teletrabalho e alguns com telescola, com jantares e aniversários comemorados através do Zoom e muitos projetos adiados.

Quanta incerteza!!! Temos de reorganizar-nos, reinventarmo-nos, reorientarmo-nos.

Mas, para além de tudo isto, temos algo verdadeiramente certo: Maria, a Nossa Mãe está, permanece, não nos tem abandonado, não ficámos órfãos, nem sozinhos.

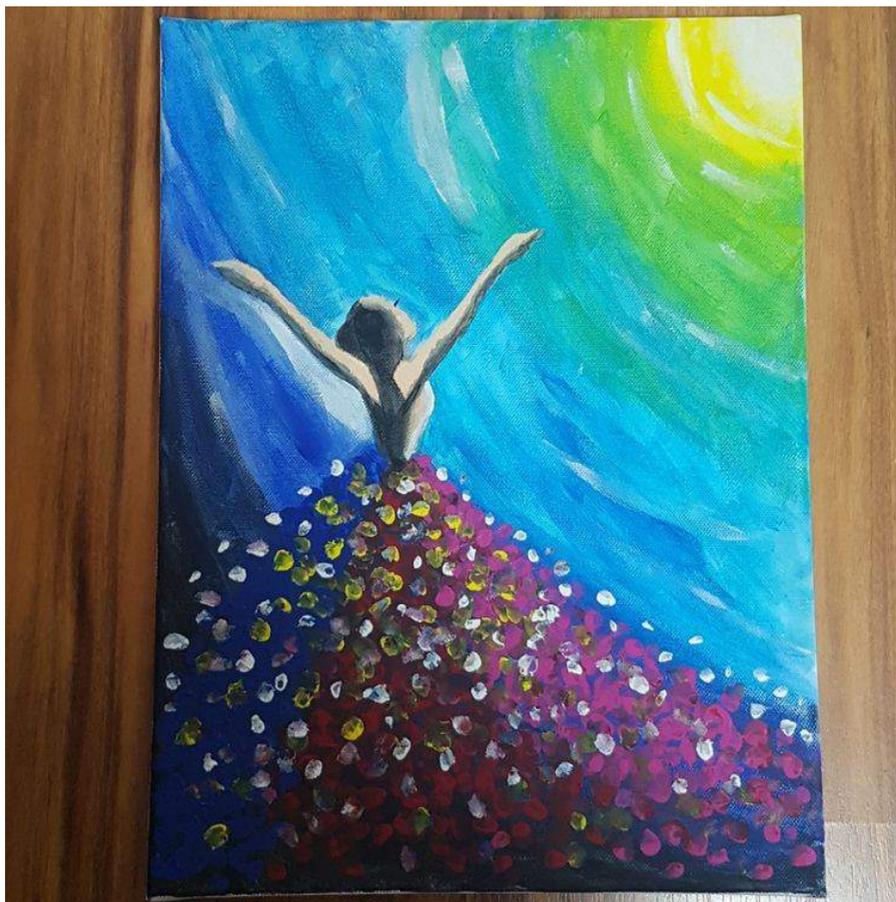
Celebramos esta festa, segundo a qual Maria foi para o Céu, para ser a Rainha e Mãe de toda a Humanidade e, a partir desse seu poder de estar ao lado do seu Filho e do Pai, olha para todos nós, está muito atenta a tudo o que nos acontece, conhece as nossas preocupações, conhece as situações que vivemos, o seu olhar chega a todos os cantinhos do mundo, ilumina todos os becos, caminha em todas as veredas, entra em todas as casas, visita os hospitais, sente com dor o término dos negócios e a falta de trabalho, chora nos cemitérios, acompanha-nos até ao último adeus, e caminha ao nosso lado.

Hoje, esta é uma das poucas seguranças que eu tenho. Sim, fiquei com essa convicção quando, em abril, fiz uma peregrinação a Fátima juntamente com 170 jovens, foram 5 (cinco) dias de caminhada, pelos caminhos da nossa vida, por caminhos do nosso interior, por situações da nossa casa, reinventámos trechos, procurámos alternativas, discernimos em bifurcações, e chegámos a Fátima. Tudo aconteceu sem sairmos da nossa própria casa.

Que se passou nesta chegada a Fátima, contemplada num écran do computador?

Vi as ruas vazias, as lojas e restaurantes fechados, as velas que não ardiam, as pombas que caminhavam pelo recinto à vontade, o silêncio inundava tudo, mas, por outro lado, experimentei uma presença que tudo enchia e, ao chegar à capelinha, ali estava Ela, Nossa Senhora, Maria, a tua e a minha mãe. Esperava-nos para que o caminho percorrido tivesse uma meta, se concretizasse num encontro, um colo maternal, uns braços aconchegantes, um olhar meigo, umas mãos cheias de mimo e um coração onde refugiar-me. E só escutei estas palavras “Não temas, eu estou aqui e sou a tua mãe”.

Fátima estava sem ninguém, mas não estava na solidão, pois Maria estava, está e estará sempre, e vai estar hoje, 15 de agosto, para ti, que estás a ler estas pistas. Por isso, desejo-te um feliz dia; seja como for e estejas como estiveres, vive com um coração agradecido porque Maria mãe esta contigo.



Ladainhas

*Maria
mãe zelosa
maravilhosa
mestra divina
mão que guia
mel que adoça
madona
madrinha protetora
magnitude
maestria
majestosa
manhã de sol
mansuetude
mantenedora
manto que nos aquece
mar de tranquilidade
margarida do coração
melodia da nossa vida
mensageira de Deus*

*minimiza nossas dores
ministra das alegrias
minora nossos sofrimentos
missionária do amor
modelo de perfeição
modifica nosso ser
motivação para o perdão
multiplica nossas alegrias
monitora nossas sensações
me coloca em seu colo
me afaga com seu carinho
me aconselha
me ama
me ensina
me auxilia
me exemplifica
me tolera
me aceita
amém!!!*

(Fernanda De Paula)

Cabo da Boa Esperança

- Is 56,1.6-7 «Naquele tempo, Jesus retirou-Se para os lados de Tiro e Sídón. Então, uma cananeaia, que viera daquela região, começou a gritar: “Senhor, Filho de David, tem misericórdia de mim! Minha filha está cruelmente atormentada por um demónio.” Mas Ele não lhe respondeu nem uma palavra. Os discípulos aproximaram-se e pediram-lhe com insistência: “Despacha-a, porque ela persegue-nos com os seus gritos.” Jesus replicou: “Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.” Mas a mulher veio prostrar-se diante dele, dizendo: “Socorre-me, Senhor.” Ele respondeu-lhe: “Não é justo que se tome o pão dos filhos para o lançar aos cachorros.” Retorquiu ela: “É verdade, Senhor, mas até os cachorros comem as migalhas que caem da mesa de seus donos.” Então, Jesus respondeu-lhe: “Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se como desejas.” E, a partir desse instante, a filha dela achou-se curada.»
(Mt 15, 21-28)
- SI 66 (67)
- Rm 11,13-15.29-32
- Mt 15,21-28



vivemos tempos complicados, não há dúvidas. Estamos, obviamente, atormentados pela ameaça presente e, ainda mais, pela grande incerteza que o futuro próximo nos reserva. Faz-me lembrar os navegadores do séc. XV, a navegar em águas desconhecidas e agitadas. Às vezes, fazia-nos bem escrever uma lista dos “demónios” que nos atormentam, dar-lhes nomes, medir-lhes o tamanho, a força...

Estas pistas vão ser mais uma partilha da minha própria oração do que verdadeiras orientações para rezar com esta palavra de Deus.

Se ao menos eu tivesse fé como a mulher cananeia, podia pedir ao Senhor que me curasse e que curasse os meus filhos. Se tivesse a coragem de me atirar ao chão diante de Jesus, talvez lhe pudesse pedir. Se tivesse a desfaçatez de gritar bem alto o que me preocupa, decerto Ele ouviria. E se tivesse a persistência de lhe pedir mais uma e outra vez, de O desafiar até, Ele também atenderia os meus pedidos...

Nestes tempos de pandemia, meio apocalípticos, em que tudo o que tínhamos por normal e garantido se desloca e silencia, não se ouvem gritos. Pior do que o ruído estridente dos números negros nos telejornais, é o silêncio e o vazio. Sair, à noite, para passear a nossa cadelita, e não ver ninguém. Nem carros na avenida, nem pessoas nos passeios, nada! A Igreja da Luz de portas sempre fechadas. A cidade quase sem vida, ligada à máquina, com um pulso muito fino...

Andei muito tempo perdido e atormentado, sentindo que me faltava qualquer coisa, mas sem conseguir descobrir o que era. Faltava preencher este vazio de humanidade, para todo este sacrifício do distanciamento social fazer sentido. Tenho que lá colocar, bem no centro, a cara da minha mãe que não vejo há 2

meses, dos meus sogros, do meu avô... Mas, para além destes rostos humanos concretos, tem de haver mais...

A mulher deste Evangelho não está desesperada, antes pelo contrário, tem uma esperança enorme. Vive uma situação dura, mas entrega-a a Jesus, depositando-se a si própria a Seus pés. Às vezes, não somos suficientemente humildes para reconhecer que normalmente é mais o que não está ao nosso alcance do que aquilo que depende efetivamente de nós. E quando assim é, esquecemo-nos de entregar essa parte ao Pai. Sozinhos contra tudo, só nos sentimos abandonados e indefesos, sem força para resistir e lutar. Ficamos como cachorros famintos, que nem sequer dão conta das migalhas que vão sempre caindo da mesa do Senhor.

Preencher o vazio de humanidade só é possível com este discernimento do que nos atormenta e do que podemos realmente fazer para o superar; só é possível enchendo de amor tudo o que fazemos, em especial o que mais nos custa; só é possível com muita fé num Deus que se fez Homem, para que pudéssemos ser perfeitamente humanos.



“Os dias mais luminosos da nossa vida, que são sempre demasiados poucos, são aqueles em que nos sentimos compreendidos e estimados não pelos nossos méritos, mas porque alguém – uma mulher, um irmão, uma mãe, um amigo – nos amou nas nossas imperfeições, nos nossos limites, nas nossas ambivalências e ambiguidades; porque, num dia diferente, aquela pessoa viu o nosso coração e a sua sinceridade.

Porque não nos amou apesar daqueles limites e daquelas imperfeições, mas graças a eles e a elas. As poucas relações diferentes que nos acompanham durante toda a vida são encontros entre dois corações sinceros que, pelo menos uma vez, se viram assim, pactos nascidos da alquimia entre almas que se encontraram nas suas nudezes, para além e antes dos méritos e deméritos.

Depois, também nestas relações diferentes, alegramo-nos com os nossos méritos e os dos outros e sofremos e nos arreliamos pelos deméritos; mas sabemos que são coisas pouco importantes, porque muito, demasiado mais importante é o coração que vimos, compreendemos e, sobretudo, amámos pelo menos uma vez num dia especial. Mesmo se não o sabemos, é este olhar que procuramos desde o primeiro momento em que viemos à luz, e o perseguimos, com tenacidade, até ao fim.

Sem este olhar diferente, sem uma pessoa, pelo menos, que nos viu e nos vê assim (estes olhares persistem para sempre), a existência torna-se demasiado difícil, talvez impossível. E se há alguma coisa na vida que ainda continua a fascinar-nos e a seduzir-nos, em cada manhã, não é a procura de alguma forma de perfeição moral, mas o entusiasmo de continuar a caminhar à procura de surpresas, em companhia dos vícios e virtudes dos outros e minhas.

Uma vida onde as feridas que, inevitavelmente, marcamos no corpo e na alma dos outros e que deles recebemos, nos combates corpo-a-corpo, são também janelas para experimentar ver um pedaço de céu. (...)”

Somos chamados a testemunhar Jesus no mundo

Is 22,19-23 «Naquele tempo, Jesus foi para os lados de

SI 137 (138) Cesareia de Filipe e perguntou aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?” Eles responderam “Uns

Rm 11,33-36 dizem que é João Batista, outros que é Elias, outros que é Jeremias ou algum dos

Mt 16,13-20 profetas”. Jesus perguntou: “E vós, quem dizeis que Eu sou?” Então, Simão Pedro tomou a palavra e disse: “Tu és o Messias, o

Filho de Deus vivo”. Jesus respondeu-lhe: “Feliz de ti, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne e o sangue que te revelaram, mas sim meu Pai que está nos Céus. Também Eu te digo: Tu és Pedro; sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos Céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos Céus”. Então, Jesus ordenou aos discípulos que não dissessem a ninguém que Ele era o Messias.»

(Mt 16, 13-20)



episódio relatado ocupa um lugar central no Evangelho de Mateus. Depois de Jesus se ter revelado aos discípulos, ter feito a multiplicação dos pães, ter passado à outra margem com os discípulos no meio da tempestade, inicia-se um momento de viragem e começa a perfilar-se no horizonte de Jesus um destino de cruz. Jesus começa a sentir alguma oposição dos líderes e um certo desinteresse por parte do povo. A Sua proposta de Reino não é acolhida senão por um pequeno grupo – os discípulos.

E qual é a atitude e resposta de Jesus? Jesus mantém-se firme na sua missão de chamar os discípulos e de os conduzir «à *outra margem*», apesar e para além de todos os ventos contrários.

Neste ano diferente, em que vivemos uma pandemia que nos obrigou, primeiro a parar, depois a adaptar e ajustar as nossas formas de vida, combatendo os ventos contrários e, assim, a caminhar nas águas com Jesus até à outra margem, importa guardar aquilo que Jesus nos quis e quer transmitir e aquilo que Jesus nos interpela a responder:

«E vós quem dizeis que Eu sou?»

E, ainda: *«Tu és Pedro; sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos Céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos Céus».*

Encontramos, na mensagem de Jesus, duas questões muito importantes e transformadoras da nossa vida, questões essas que Jesus nos coloca e manifesta permanentemente na Palavra:

1) Quem é Jesus e qual foi a Sua missão? Jesus veio ao mundo dar-nos a conhecer o Pai e a vida eterna, bem como ensinar-nos qual o caminho para o Pai, para vivermos Nele, com a confiança de que Ele caminha connosco, vive em nós, chama por nós e não nos abandona em nenhum momento. O caminho é o vivido por Jesus: oração,

amor, serviço, olhar atento, entrega livre e voluntária, não fazer nada forçado ou porque nos impõem, mas sim de forma livre, com confiança total no Pai.

Jesus reitera esta identidade fundamental várias vezes aos seus discípulos, e de várias formas. Jesus revela-o a nós mesmos também, hoje, se olharmos e escutarmos atentamente com o coração: que a nossa identidade fundamental é sermos filhos de Deus e que essa identidade fundamental aponta um caminho. Jesus convida-nos a ir ter com Ele, a vivermos Nele, a confiarmos (*“Homem de pouca fé, porque duvidaste?”*), a consumarmo-nos de amor.

Num mundo cheio de questões controversas, políticas, económicas, de saúde, sociais, desigualdades, em que somos chamados a construir e a escolher caminhos, onde focamos a nossa atenção? Onde buscamos a luz para as nossas escolhas e decisões? Jesus indica-nos o caminho e chama-nos a viver a partir da nossa identidade fundamental de Filhos de Deus.

Quem é Jesus para nós? O que mudou nas nossas vidas neste período de pandemia? Vivemos com Jesus esta fase? O que queremos mudar hoje para o futuro? Em quem Confiamos?

2) Outra mensagem de Jesus é a do chamamento à missão, à nossa vocação fundamental. Jesus convoca-nos a olhar a nossa vida a partir da nossa identidade fundamental para melhor identificarmos e vivermos a nossa missão, a nossa vocação.

O chamamento de Jesus a Pedro é uma fonte de esperança e dirige-se a nós também: mesmo apesar das dúvidas de fé, dos turbilhões, dos ventos contrários, que dificultaram a travessia de Pedro, Jesus chama-o a ser a rocha na qual se edificará a Igreja, o Reino dos Céus na Terra, a continuação da missão e o testemunho de Jesus no mundo. A «outra margem» é sermos como Jesus. E em Pedro

estamos representados, cada um de nós: o Pai e o Filho enviam-nos o Espírito e contam com cada um de nós para a construção da Igreja, para sermos rocha na sociedade através da nossa missão individual e em comunidade.

Somos chamados diretamente por Deus a, através da nossa vida que é um pequeno grande contributo - e da ligação e interconexão que nos une a todos os outros neste mundo -, construirmos o Reino de Deus já hoje, sermos testemunhas e seguidores de Jesus nas nossas casas, nos nossos bairros, nas nossas famílias, nas nossas comunidades, nos nossos trabalhos.

Deus chama-nos hoje e agora: a que somos chamados hoje, no dia seguinte à pandemia? Como podemos viver de forma plena a nossa vocação fundamental? Como vivemos e entregamos os dons que nos foram dados para ligar e/ou desligar o que é para ser ligado e/ou desligado na Terra e no Céu?

Temos consciência de que as nossas escolhas e ações (ainda que correspondam a ausências de escolha e a omissões) têm impacto direto nos outros que nos rodeiam? Temos consciência de que cada passo, cada laço, cada abraço que damos pode estar a mudar o mundo, a construir Igreja, a ligar na Terra e no Céu?



Um Coração Sábio

«Os anos ensinam muita coisa que os dias nunca aprenderam».
Ralph Waldo Emerson

«No LIVRO DOS PROVÉRBIOS, é-nos recomendado que “obtenhamos a sabedoria”. A sabedoria, por outras palavras, não é um presente gratuito. É-nos recomendado que a desenvolvamos. Devemos, portanto, procurar o sentido da vida, compreender que a vida não é apenas uma série de acontecimentos. A vida é uma série de aprendizagens. A sabedoria é aquilo que deveríamos extrair de cada acontecimento da vida.

A sabedoria é a profundidade da alma que nos permite compreender aquilo que deve permanecer na nossa vida, quando tudo o resto – o trabalho, a saúde, a segurança, a excitação – se dissipa, como acontecerá inevitavelmente um dia. Diz Lin Tang: “A sabedoria da vida consiste na eliminação de tudo o que não é essencial.”

Aquilo em que nós acreditamos espiritualmente é o que nos faz avançar na vida. É o poço de sabedoria do qual nos devemos alimentar. Ao procurar a sabedoria, devemos ter o cuidado de não confundir espiritual com o religioso. A rigidez e o farisaísmo religiosos têm destruído muita coisa na vida. Só aquilo que alimenta o que há verdadeiramente de espiritual em nós, a busca da presença de Deus em cada pequena dimensão da vida, é verdadeira sabedoria.

Se, quando morrermos, a beleza tiver tocado o centro silencioso do nosso ser, o amor tiver desfeito o nosso coração, e a Palavra de Deus tiver escorrido para dentro do nosso coração, seremos tão sábios como algum ser humano poderá, um dia, esperar vir a ser.»

(Joan Chittister, in «Os tempos do Coração»)

Um Verão diferente... com Jesus!

Jr 20,7-9 «Vós me cativastes, Senhor, e eu deixei-me cativar.» (Jr 20)

Sl 62 (63)

«A minha alma tem sede de Vós, meu Deus!»

Rm 12,1-2 (Sl 62)

Mt 16,21-27 «Oferecei-vos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Tal é o culto do espírito que deveis prestar. Não vos conformeis com este

mundo; transformai-vos pela renovação da vossa mente, para avaliastes qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que Lhe é agradável, o que é perfeito.» (Rm 12)

«Naquele tempo, Jesus começou a explicar aos discípulos que tinha de ir a Jerusalém e sofrer muito da parte dos anciãos, dos sumos sacerdotes e dos escribas; que tinha de ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. Pedro tomou-o de parte e começou a repreendê-lo: “Deus de te livre de tal, Senhor! Isso não te há de acontecer.” Mas Jesus voltou-se e disse a Pedro: “Vai-te da minha frente, satanás! Tu és para mim um estorvo, pois não tens em vista os interesses de Deus, mas os dos homens.” Então Jesus disse aos discípulos: “Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo, pegue na sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a própria vida há de perdê-la; mas quem perder a vida por minha causa, há de encontrá-la. Na verdade, que adiantará ao homem ganhar o mundo inteiro, se arruinar a própria vida? Ou que há de o homem dar em troca da sua vida? É que o Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então recompensará a cada um de acordo com o que tenha feito”» (Mt 16)



lá Jesus, Pai, Espírito Santo!

Obrigada pela graça de estarmos juntos neste momento.

Quando rezava este Evangelho de São Mateus, entendia perfeitamente a atitude de Pedro, e identifiquei-me facilmente com a posição que ele tomou: “Não pode ser! Deus me livre que aconteça algum mal a mim e aos meus... Isso não pode ser possível!”

Querido Jesus, quantas vezes tenho esta tentação de achar que o sofrimento, o mal, a dor, a doença, as limitações, as injustiças, a morte... não podem ou não devem fazer parte da vida?

E fico zangada, desanimada, ressentida... e até te repreendo, tal e qual como fez Pedro.

E o que me dizes sobre isto, Jesus? “Abandona esses pensamentos... vai-te da minha frente”, pois não é isso que importa. Essa postura perante a vida é um estorvo que atrapalha e afasta daquilo que é (o) essencial...

Então o que sugeres que façamos, Jesus, para lidarmos com tudo aquilo que a vida nos oferece? Como viver o melhor possível, tendo em conta a nossa missão neste mundo?

A Palavra de Deus deste domingo traz-nos algumas “respostas” ou caminhos:

- Deixarmo-nos amar por Deus, viver a experiência de sermos filhos amados, seja em que circunstância for: *“Vós me cativastes, Senhor, e eu deixei-me cativar.”*
- Procurar Deus, em qualquer momento: *“A minha alma tem sede de Vós, meu Deus!”*
- Entregar cada momento nas mãos de Deus, viver com uma atitude de abandono: *“Oferecei-vos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus”*

- Ter um olhar diferente e renovador sobre a realidade: *“Não vos conformeis com este mundo; transformai-vos pela renovação da vossa mente.”*
- Acolher a nossa vida, com tudo o que ela nos traz, sabendo que não estamos sós: *“Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo, pegue na sua cruz e siga-me.”*

Destacava dois pontos dos anteriores, os quais sinto que me têm ajudado imenso nas minhas circunstâncias, e que espero continuar a aprofundar:

Acolher a vida, com tudo o que nos traz, pois tudo pode ser oportunidade para conversão, caminho, encontro e missão.

Vivo hoje realidades que preferia não ter de viver, mas que, ao mesmo tempo, têm sido o motor da minha procura do sentido da vida, de aprofundamento da relação com Deus, da construção de uma fé mais madura. E isso não tira em nada as dificuldades, o sofrimento, o desânimo, a incompreensão dos outros e por vezes a angústia. Existem e são bem reais.

Talvez o segredo seja não ficar preso nestes estados de alma tão intensos e incapacitantes (*“negue-se a si mesmo”*), mas caminhar dia a dia, com a confiança de que nunca estamos sós e estamos todos salvos pelo um Amor maior, absoluto, infinito.

Assim, vou entendendo melhor as palavras de Jesus: *“Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo, pegue na sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a própria vida há de perdê-la; mas quem perder a vida por minha causa, há de encontrá-la.”*

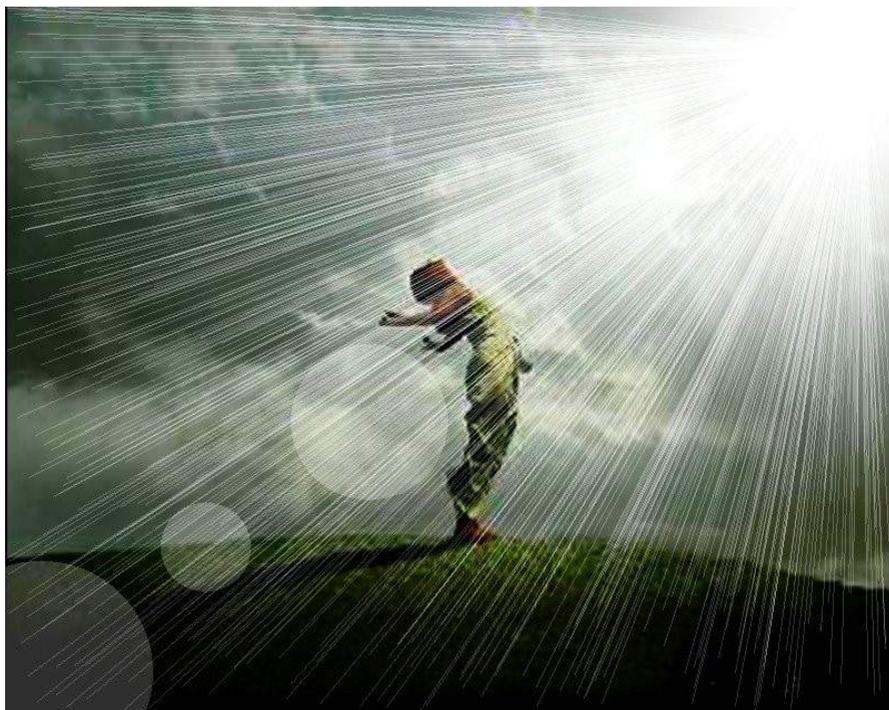
-Qual é a minha cruz?

-O que significa, para mim, negar-me a mim mesmo?

-Onde quero “perder a minha vida”?

Procurar Deus em tudo, ou seja, buscar a presença do Amor do Pai, em tudo o que acontece; ter uma alma sedenta, que consegue aproveitar não só cada gotinha de água, mas também um caudal abundante.

Tudo tem o seu tempo, tudo tem o seu lugar, nada acontece por acaso, por muito que alguma coisa nos custe. Colocar a vida nas mãos de Deus, fazer a nossa parte o melhor possível, e ficar em paz...



Água

*Senhor, sois o meu Deus,
Desde a aurora Vos busco,
Em minh'alma suspiro por Vós
Minh'alma tem sede de Vós
Como terra sem água.*

*Eu quero contemplar
Vosso amor, Vossa glória
Visitar Vosso templo e cantar
Minh'alma tem sede de Vós
Como terra sem...*

**Água,
A Vossa graça vale mais do que a vida.
Água,
A vida inteira não chega para Vos bendizer,
A vida inteira não chega para amar.**

*Assim Vos bendirei
Por toda a minha vida,
E em louvor abrirei minhas mãos.
Minh'alma tem sede de Vós
Como terra sem água.*

*Senhor quando ao deitar
Por um momento Vos sinto,
Passo a noite a pensar em Vós.
Minh'alma tem sede de Vós
Como terra sem...*

Refrão

*Meu Deus repouso em Vós,
À sombra das Vossas asas
E exulto confiante, por fim
Minh'alma tem sede de Vós
Como terra sem água
Unido a Vós estou
À vossa mão que me ampara
Em minh'alma vos busco Senhor
Minh'alma tem sede de Vós
Como terra sem...*

Refrão

(Pe. Nuno Tovar Lemos)

parte II

Viver na pandemia

Viver na pandemia

Vivemos nos últimos meses situações inéditas para a Humanidade.

Já tinha havido muitas outras pandemias e doenças, até mais mortíferas do que a COVID-19. Todos nos lembramos dos livros de História que nos falavam da Peste Negra e da crise que se lhe seguiu em toda a Europa. No início do século XX, Portugal foi fortemente atingido pela Pneumónica que talvez tenha afetado alguns dos nossos familiares antepassados: consta que não houve família que não tivesse sido tocada por ela. Mas eram outros tempos – dizíamos – onde não havia vacinas, nem meios médicos como os atuais, nem o desenvolvimento científico de hoje. Pensávamos que jamais alguma calamidade semelhante nos poderia tocar.

E, no entanto, em pouco tempo, um vírus chegou e mudou tudo! Foi decretado o “estado de emergência”, percebemos que era grave. Viemos para casa; fecharam os estabelecimentos de ensino, do Jardim de Infância à Universidade, tal como as empresas, que colocaram muitos funcionários em teletrabalho; comércio, só o essencial; os carros quase deixaram de circular, as ruas ficaram desertas – imagens que nunca tínhamos visto! Preocupados, ansiosos, confusos devido às informações díspares que nos chegavam, afastados uns dos outros, fomos conhecendo novas realidades: aulas na televisão, no computador ou no telemóvel, reuniões em plataformas, missas e outras celebrações através das redes sociais, festas de aniversário em que nos víamos uns aos outros “aos quadrinhos”, cantávamos os parabéns com uma lágrima ao canto do olho, desejando que tudo passasse depressa para que nos pudéssemos abraçar de novo... Tudo nos chegava por ecrãs. O impensável acontecia: parecia um filme de ficção científica, para o qual alguém tinha inventado um argumento muito inverosímil.

E, no entanto, a vida continuava, mesmo que fosse longe de nós... ou muito perto, conforme os casos. Durante todo este tempo, nasceram crianças, vimos partir familiares e amigos, perdemos trabalho ou tivemos de o recriar (ou pelo contrário, ele quadruplicou, sem nos dar descanso), a Igreja não deixou de celebrar os tempos litúrgicos nem os caminhos da fé e fê-lo com enorme criatividade.

Nesta segunda parte do Caderno de Verão, publicamos os testemunhos de um profissional de saúde, de um casal que teve um filho, de outro que perdeu os pais; e juntamos o de quem viveu a Páscoa e uma peregrinação a pé a Fátima, tudo *online*.

Eu, médico, como é que estou a viver tudo isto?

Creio que, no início, a palavra que melhor definiria o meu estado era "bloqueado", como que manietado: pela incerteza, pela desorganização, pela desorientação, o stress e até a histeria que o medo provoca nas pessoas; e pelo meu medo também.

Como é que Deus me ajudou a não continuar bloqueado, manietado, paralisado pelo medo?

O Senhor fez-me tirar o foco de mim.

O Senhor salvou-me propondo-me a entrega aos outros, colocando-me ao serviço, focando-me no outro: nos meus colegas, nos doentes, na organização, nos mais frágeis do sistema.

Um dia, vi que as empregadas da limpeza não recebiam máscaras nem da sua empresa nem dos serviços de saúde onde trabalhavam. Depois de alertar para esse facto, de justificar que deviam ter máscara e de ser criticado por estar a “meter a foice em seara alheia”, vi que as empregadas passaram a usar máscaras; isso deixou-me feliz, por poder ajudar os mais frágeis.

Por outro lado, o Senhor ajudou-me a alicerçar-me mais na evidência científica e menos no medo e na incerteza.

Qual é o risco real de ser infetado?

Alguns estudos mostraram que os médicos contraíram a doença por contágio em casa e não com os doentes; outros, que o risco de morrer seria na grandeza das décimas – é mais fácil morrermos de acidente de viação. 80% dos doentes têm sintomas ligeiros ou nenhuns, mesmo os que são idosos e com muitas doenças. Qual é o risco de ser contagiado com as compras do supermercado? Muito baixo ou nenhum, assim como o risco de ser contagiado por um doente a mais de 1 metro de distância e por menos de 15 minutos. Também o risco de contactar com um doente Covid pode ser baixo: em Madrid, no meio da curva da doença, para contactar com um doente era preciso ver 1000 saudáveis e em Portugal hoje existem

cerca de 2 doentes em 1000 pessoas saudáveis. Ou seja, não há Coronavírus por todo o lado!

Para viver sem medo preciso de estar mais ao serviço. Como posso ajudar mais? Quem posso apoiar?

Descubro que: tenho amigos e familiares muito isolados e sós que bem precisam de uma palavra de ânimo; continuo a receber o meu ordenado e posso ajudar alguém economicamente; posso partilhar com outros o meu medo e, assim, ajudar; posso atender os meus doentes com maior atenção e disponibilidade para escutar os seus sentimentos também em relação a esta doença; posso oferecer-me para fazer consultas gratuitas online; posso transmitir mais esperança no meu local de trabalho; posso estar atento aos frutos positivos que estão a surgir e partilhá-los com outros; etc, etc, etc.

Joaquim Palma



Tudo o que dependia de nós, pais prestes a receber o primeiro filho, estava pronto para receber o novo bebé. Com o aproximar do nascimento e o decorrer dos acontecimentos da pandemia nacional, a grande alegria e entusiasmo até então sentidos foram-se transformando em incertezas, dúvidas e medos. Perseverantes na oração em casal e confiantes no Amor de Deus por nós, fomos abundantemente abençoados com um bebé saudável, um parto que correu muito bem - e numa data muito especial: 3 de maio, dia da mãe.

Esta vivência mostrou-nos, enquanto casal, mais uma vez, a importância da confiança que temos em Deus. Todos nós temos dificuldades e obstáculos na vida, que se agigantam no nosso consciente e tomam conta do nosso ser - e a certeza que temos é de que Deus está sempre a nosso lado e dá-nos sempre orientação e força para ultrapassarmos todos os obstáculos, bastando para isso confiarmos Nele.

Joana e Pedro Sousa



Não se perturbe o vosso coração... tende fé em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Jo 14, 1-2

Consolados por esta Palavra de Deus, partilhamos convosco como vivemos a partida de alguém muito próximo a nós.

Somos a Paula e o Miguel Martins, um casal missionário, da comunidade Verbum Dei de Oeiras. Durante a situação de confinamento por causa do Covid, vivemos a hospitalização e a morte dos pais do Miguel.

De certa maneira, houve “várias perdas”! A primeira foi durante a hospitalização. O Covid levou à proibição de visitas e, por isso, não pudemos acompanhar os seus pais, na hora do sofrimento. Viveram a maior parte do tempo na solidão! Quanto a nós, só pudemos orar por eles em cada dia.

O nosso consolo foi saber que, “pela mão de Deus”, a mãe do Miguel foi transferida para o hospital onde estava o seu pai. Um feliz reencontro, de mãos dadas, depois de um largo tempo sem se verem! Sabíamos que tinham vivido juntos todos os dias da sua vida e partiram para a casa do Pai quase no mesmo momento. Assim, faleceu um e, passados treze dias, o outro.

Tudo isto em tempo de Páscoa! Num contexto de Ressurreição, eles morreram.

Mas estamos seguros de que agora estão juntos do Pai! Como nos dizem as palavras do evangelho:

“Na casa de meu Pai há muitas moradas... Tende fé em mim... E eu voltarei e vos levarei comigo” (Jo14, 1-3).

“O Senhor volta toda a vez que alguém de nós está em caminho para ir embora deste mundo... Ele virá e nos tomará pela mão e nos levará” (Papa Francisco).

Temos experimentado a força do Ressuscitado que está connosco e nos traz a esperança!

Mas como fazer a despedida? Não eram permitidas as celebrações. Junto ao crematório, a encomendação da alma, com apenas dez

peessoas presentes. Só os filhos são seis. Nem sequer pudemos ir todos, os da família mais próxima!

Não podíamos despedir-nos assim! Sabíamos que os pais do Miguel, pessoas de fé, gostariam que se pudesse celebrar uma eucaristia com todos os que tinham feito parte da sua vida: a família toda, os amigos do bairro, e os companheiros de fé da paróquia. E que nesta eucaristia os netos pudessem tocar e cantar, celebrando a fé. Algo que os avós adoravam! Então, porque era o desejo deles e porque nós também o desejamos, decidimos tê-los connosco até isso ser possível! Trouxemos as suas cinzas para casa. Estão no nosso oratório!

É nesse oratório onde rezamos, pessoalmente e em família, todos os dias. Sobretudo à noite, quando juntos agradecemos o dia e pedimos pelos que sofrem, estão sozinhos, pelos que estão a entregar a vida, pelas famílias que passam pelo mesmo que nós. Confiados de que os pais estão agora junto de Deus, continuamos unidos a eles. Cristo vive! E *“Ele não abandonará os que esperam n`Ele”* (Laudes ao Deus Altíssimo, cf. Sl 33, 23, S. Francisco).



Miguel e Paula Martins (casal missionário)



É difícil falar sobre a Páscoa 2020, porque expressar algo que foi vivido tão intensamente fica muito aquém do desejado. Devido ao isolamento social, quase todos estivemos longe da família. Eu passei a semana Santa só com o meu marido. Mas não troco por nada aquilo que vivi e estou profundamente agradecida a Deus por tanto que me deu. Decidi que queria passar esta Páscoa muito unida a Jesus, e pedi-lhe essa graça. Tinha na memória o Papa a atravessar a Praça de São Pedro vazia, mostrando um enorme sofrimento, carregando nas suas costas o sofrimento do mundo, tal como Jesus fez! Também eu me uni a Jesus e a tantos que estavam a sofrer em consequência da pandemia. Ao mesmo tempo ia experimentando por eles um amor misericordioso e compassivo, uma enorme vontade de ajudar. Sei que é o Espírito Santo no meu interior que me quer levar a ressuscitar com Jesus. Sinto-me muito acompanhada e tenho vontade de gritar ao mundo esta mensagem de ESPERANÇA.

Maria do Carmo Lucena



Chegar a Fátima a partir da casa de cada um

Olá! Sou a Maria Dias, tenho 24 anos e é uma alegria fazer parte desta Família há 11 anos!

Apesar de a peregrinação ser dos meus encontros preferidos, sempre foi aquele a que tive maior dificuldade em ir; este ano, não seria diferente. Estava a ajudar a preparar um dos dias da peregrinação, enquanto estagiava no Equador e, por isso, mais uma vez, não ia caminhar até Fátima.

Entretanto, a situação no mundo piorava a cada dia, o número de infetados começou a disparar, faculdades e escolas fechadas, fronteiras a fechar, o mundo em teletrabalho e a peregrinação cancelada. Fora das quatro paredes de cada um, o mundo estava um caos.

Mas os grupos de jovens não pararam.

No meio de tantas incertezas, o caminho para e com Jesus continuava a ser a nossa certeza. Assim, uma ideia de “loucos”, que surgiu numa reunião de Equipa Coordenadora, começou a ganhar forma e estrutura. Em dez dias tínhamos uma peregrinação virtual montada e mais de 170 peregrinos a alinhar nesta loucura de chegar a Fátima a partir da casa de cada um.

O ritmo estava marcado, havia horários a cumprir, com ‘bons-dias’, pistas em direto, momentos de oração, momentos de animação, desafios, partilhas, missas (a partir de Madrid!...), momentos com Maria e reuniões de animadores. Enganei-me bem ao achar que, durante estes cinco dias, ia conseguir fazer mais coisas para além de peregrinar; enganei-me, ainda mais, quando achei que um caminho virtual não podia ser tão real.

O objetivo estava lançado e foi muito bem conseguido: "Em comunidade, caminhar com Jesus, nas circunstâncias que vivemos no dia de hoje". A verdade é que foram cinco dias completamente preenchidos pela peregrinação, cinco dias de propostas de oração concretas e reais para o que estávamos a viver, cinco dias de vivência em Comunidade, cinco dias de caminho e de partilha, cinco dias que deram frutos e ânimo para o resto da quarentena. Proporcionou um encontro entre gerações que todos puderam viver, desde os que estavam de férias aos que estavam em teletrabalho, os que estavam em Portugal e os que estavam na Alemanha e na Dinamarca.

Aliás, foram cinco dias de uma lufada de ar fresco que só pode ter vindo do Espírito Santo, que nos trouxe uma enorme união e que nos mostrou que para Deus nada é impossível!

Maria Dias

parte III

Textos da Igreja

Momentos inigualáveis

De tudo o que vivemos nestes meses de pandemia, de confinamento e, depois, de desconfinamento, cada um saberá o que mais o marcou.

Mas, globalmente, enquanto sociedade e enquanto comunidade eclesial, houve momentos muito significativos, inéditos, inimagináveis, que permanecerão na nossa memória e no nosso coração.

Ninguém esquecerá as imagens fortíssimas do Papa Francisco a atravessar sozinho a Praça de São Pedro, naquele fim de tarde chuvoso de 27 de março. Não estava lá ninguém, mas estava lá a Humanidade inteira, todos “no mesmo barco”, no meio da “tempestade”.

Também não esqueceremos o recinto do Santuário de Fátima vazio, em 13 de maio, uma data que associamos a muita gente, multidões, milhares de lenços brancos a acenar... Este ano, não houve nada disso; mas, tal como em Roma, estávamos lá todos!

Depois, celebrámos o Dia de Portugal como nunca tinha sido celebrado: apenas um convidado e as sete figuras mais importantes do Estado. Não houve homenagens, nem condecorações; mas houve beleza e simplicidade naquela cerimónia tão singela, nos claustros do Mosteiro dos Jerónimos, património da Humanidade, também sem ninguém, quando habitualmente está repleto de visitantes.

Para que possamos recordar esses momentos inigualáveis, transcrevemos excertos:

- da homilia do Papa no momento extraordinário de oração em tempo de epidemia;
- da homilia do Cardeal António Marto, naquela a que chamou “peregrinação do coração”;
- do discurso do Cardeal Tolentino de Mendonça, na cerimónia do 10 de junho, em Lisboa.

MOMENTO EXTRAORDINÁRIO DE ORAÇÃO EM TEMPO DE EPIDEMIA
PRESIDIDO PELO PAPA FRANCISCO
Adro da Basílica de São Pedro
Sexta-feira, 27 de março de 2020

“Ao entardecer...” (Marcos 4, 35): assim começa o Evangelho, que ouvimos.

Desde há semanas que parece o entardecer, parece cair a noite. Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo dum silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: presente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares. Revemo-nos temerosos e perdidos. À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados “*vamos perecer*” (cf. 4, 38), assim também nós percebemos que não podemos continuar o caminho cada qual por conta própria: só o conseguiremos juntos.

Rever-nos nesta narrativa, é fácil; difícil é entender o comportamento de Jesus.

Enquanto os discípulos naturalmente se sentem alarmados e desesperados, Ele está na popa, na parte do barco que afunda primeiro... E que faz? Não obstante a tempestade, dorme, tranquilamente, confiado no Pai (é a única vez no Evangelho que vemos Jesus a dormir).

Acordam-No; mas, depois de acalmar o vento e as águas, Ele volta-Se para os discípulos em tom de censura: “*Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?*” (4, 40).

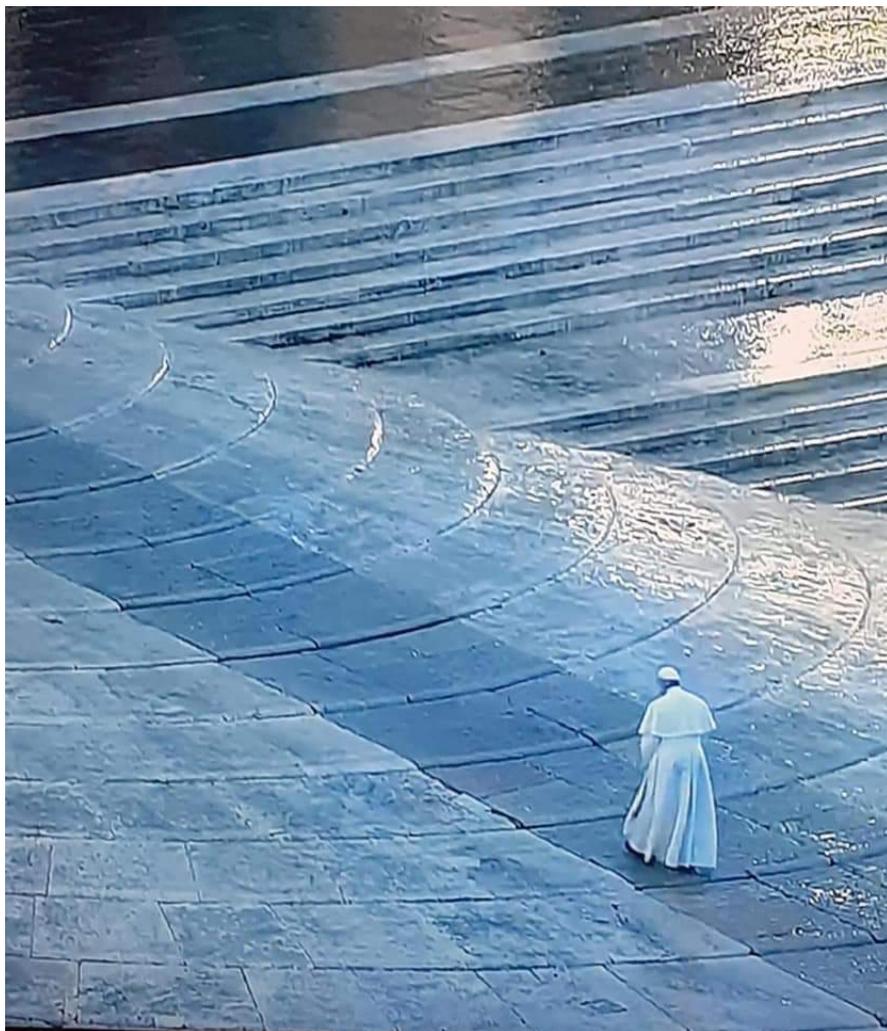
Procuremos compreender. Em que consiste esta falta de fé dos

discípulos, que se contrapõe à confiança de Jesus? Não é que deixassem de crer N'Ele, pois invocam-No; mas vejamos como O invocam: *“Mestre, não Te importas que pereçamos?”* (4, 38).

“Não Te importas?”: pensam que Jesus Se tenha desinteressado deles, que não cuida deles. Entre nós, nas nossas famílias, uma das coisas que mais dói é ouvirmos dizer: *“Não te importas comigo”*. É uma frase que fere e desencadeia turbulência no coração. Terá abalado também Jesus, pois não há ninguém que se importe mais de nós do que Ele! De facto, uma vez invocado, salva os seus discípulos desalentados.

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. (...)





Nesta tarde, Senhor, a Tua Palavra atinge e toca-nos a todos. Neste nosso mundo, que Tu amas mais do que nós, avançamos a toda velocidade, sentindo-nos em tudo fortes e capazes. Na nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os Teus apelos, não despertamos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora nós, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-Te: “Acorda, Senhor!”

“Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” Senhor, lançamos um apelo à fé. Esta não é tanto acreditar que Tu existes, mas sobretudo vir a Ti e confiar em Ti. (...)

“Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” O início da fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos auto-suficientes; sozinhos afundamos. Precisamos do Senhor como os antigos navegadores precisavam das estrelas.

Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confiemos-Lhe os nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos – como os discípulos – que não há naufrágio. Porque esta é a força de Deus: transformar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas más. Ele serena as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida nunca não morre.

O Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e ativar a solidariedade e a esperança, capazes de dar solidez, apoio e significado a estas horas em que tudo parece naufragar. O Senhor desperta, para acordar e reanimar a nossa fé pascal. Temos uma âncora: na sua cruz, fomos salvos. Temos um leme: na sua cruz, fomos resgatados. Temos uma esperança: na sua cruz, fomos curados e abraçados, para que nada e ninguém nos separe do seu amor redentor. (...)

“Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?”. Queridos irmãos e irmãs, deste lugar que atesta a fé rochosa de Pedro, gostaria nesta tarde de vos confiar a todos ao Senhor, pela intercessão de Nossa Senhora, Saúde dos Enfermos, Estrela do Mar em tempestade. Desta colunata que abraça Roma e o mundo, desça sobre vós, como um abraço consolador, a bênção de Deus. Senhor, abençoa o mundo, dá saúde aos corpos e conforto aos corações! Pedes-nos para não ter medo; a nossa fé, porém, é fraca e sentimo-nos temerosos. Tu, Senhor, não nos deixes à mercê da tempestade. Continua a repetir-nos: *“Não tendes medo!”* (Mt 14, 27). E nós, juntamente com Pedro, *“confiamos-Te todas as nossas preocupações, porque Tu cuidas de nós”* (cf. 1 Ped 5, 7).



PEREGRINAÇÃO INTERIOR, UM OLHAR RENOVADOR E ESPERANÇADO

Fátima, 13 de maio de 2020

Homilia

Salve, Mãe de misericórdia!

Pela primeira vez na história, desde 1917, neste grande dia 13 de maio, o teu povo amado, Senhora nossa, vindo dos mais diversos ângulos do mundo, não pode estar aqui hoje, em multidão, impedido pelos riscos da saúde pública. De repente, algo que nem sequer podíamos imaginar, confina-nos nas nossas casas e priva-nos dos momentos mais afetuosos e desejados da vida, como este que vivemos cada ano junto de ti, ó terna Mãe.



É possível que muitos pensem que esta peregrinação é triste por se realizar com o recinto fechado e porque lhe faltam as grandes multidões e o colorido dos anos anteriores. Sem negar o coeficiente de tristeza e dor que vai no coração de todos, sabemos pela fé que

“para os que amam a Deus tudo serve para o bem”, como diz o apóstolo São Paulo aos Romanos (Rom 8, 28). Neste sentido, talvez estejamos todos a aprender como é uma peregrinação em estado puro, o peregrinar com o coração, a peregrinação interior no percurso mais íntimo da nossa vida, com a companhia espiritual da Mãe celeste, que leva cada um a encontrar-se com Deus santo e misericordioso.

É verdade que não está aqui no recinto a multidão de devotos para saudar Nossa Senhora com o conhecido e amado cântico do Ave de Fátima. Mas antes de nós decidirmos vir ao santuário, já ela foi ao nosso coração, às nossas casas, e nos atraiu. Hoje é Ela que abre as portas deste santuário e sai dele, espiritualmente, como peregrina, para se fazer próxima das nossas vidas, das nossas casas e levar-nos a consolação do seu coração materno como fez na visita à sua prima Isabel.

Nós acreditamos, Senhora, que Tu foste enviada pelo Deus de misericórdia a este lugar bendito para estares junto de nós e nos acompanhares em todas as situações da vida.

Desde as nossas casas e do nosso coração, com a simplicidade de filhos, ousamos manifestar-te as nossas preocupações e os nossos medos, as nossas feridas e lágrimas, a nossa confiança em ti. Com paciência, querida Mãe, escutarás as nossas lamentações, chorarás connosco, sofrerás com os nossos sofrimentos e encontrarás no céu, que é o teu coração, a consolação para os que agora nos sentimos frágeis e em perigo e para os que partem sem o conforto dos seus e sem lhes poderem dizer adeus.

Aqueles que alguma vez se sentiram verdadeiramente peregrinos neste lugar abençoado, sabem muito bem que nunca, depois de um encontro contigo, saem daqui vazios. Tu, querida Mãe, sempre nos ajudas a olhar em frente, sempre nos dás a medicina espiritual que nos cura e pacifica, sempre nos ofereces o perfume do amor de Deus, sempre nos convidas à fé renovada em Cristo, nosso caminho, verdade e vida. Nós sabemos que Tu és a nossa companhia nestes dias difíceis e queremos receber-te em nossa

casa, como o apóstolo João e como os Santos Pastorinhos de Fátima. (...)

A pandemia é um chamamento à conversão espiritual mais em profundidade. Um chamamento aos fiéis cristãos, mas também a todos os homens e mulheres, que permanecem criaturas de Deus. Uma vida melhor na nossa casa comum, em paz com as criaturas, conosco mesmos, com os outros e com Deus, uma vida rica de sentido requer uma conversão! Perguntemo-nos, pois, se temos tempo para Deus, se lhe damos o lugar que Ele merece no nosso coração e na nossa vida. (...)



Ouçamos as interrogações pertinentes e desafiantes do Papa.

“Seremos capazes de atuar com responsabilidade diante da fome que muitos sofrem, sabendo que temos alimentos para todos? Continuaremos olhando para o outro lado com um silêncio cúmplice diante daquelas guerras fomentadas por desejos de domínio e de

poder? Estaremos dispostos a mudar os estilos de vida que mergulham tantos na pobreza, promovendo e animando-nos a levar uma vida mais sóbria e humana que possibilite uma divisão equitativa dos recursos? Adotaremos como comunidade internacional as medidas necessárias para deter a devastação do meio ambiente ou continuamos a negar a evidência? A globalização da indiferença continuará a ameaçar e a tentar o nosso caminho... Esperemos que nos encontre com os anticorpos necessários da justiça, da caridade e da solidariedade”.

Meus caros irmãos e irmãs, todos estes aspetos referidos fazem parte da nossa peregrinação interior, desta peregrinação interior de 13 de Maio de 2020, da conversão que nossa Senhora de Fátima nos pede hoje.

Querida Mãe, queremos agradecer-te esta peregrinação interior, a luz, a esperança, a consolação, o conforto e a paz de Cristo que levas às nossas casas e aos nossos corações.

Hoje, fazes Tu o caminho da ida; o caminho da volta fá-lo-emos nós quando superarmos esta ameaça que no-lo impede. Voltaremos, sim, voltaremos: é a nossa confiança e o nosso compromisso. Voltaremos todos aqui juntos, em ação de graças, para te cantar: “aqui vimos, Mãe querida, consagrar-te o nosso amor”!

† António Marto, Bispo de Leiria-Fátima



O QUE É AMAR UM PAÍS

(...) Se interrogássemos cada um [dos portugueses], provavelmente responderia que está apenas a cuidar da sua parte - a tratar do seu trabalho, da sua família; a cultivar as suas relações ou o seu território de vizinhança. Mas é importante que se recorde que, cuidando das múltiplas partes, estamos juntos a edificar o todo. Cada português é uma expressão de Portugal e é chamado a sentir-se responsável por ele. Pois quando arquitetamos uma casa não podemos esquecer que, nesse momento, estamos também a construir a cidade. E quando pomos no mar a nossa embarcação não somos apenas responsáveis por ela, mas pelo inteiro oceano. Ou quando queremos interpretar a árvore não podemos esquecer que ela não viveria sem as raízes.

A arte do desconfinamento

(...) desconfinar não é simplesmente voltar a ocupar o espaço comunitário, mas é poder, sim, habitá-lo plenamente; poder modelá-lo de forma criativa, com forças e intensidades novas, como um exercício deliberado e comprometido de cidadania. Desconfinar é sentir-se protagonista e participante de um projeto mais amplo e em construção, que a todos diz respeito. É não conformar-se com os limites da linguagem, das ideias, dos modelos e do próprio tempo.

Que a crise nos encontre unidos

No itinerário de um país, cada geração é chamada a viver tempos bons e maus, épocas de fortuna e infelizmente também de infortúnio, horas de calma e travessias borrascosas.

A história não é um contínuo, mas é feita de maturações, deslocações, ruturas e recomeços.

O importante a salvaguardar é que, como comunidade, nos encontremos unidos em torno à atualização dos valores humanos essenciais e capazes de lutar por eles. (...) Todos somos chamados a

perseverar com realismo e diligência nas nossas forças e a tratar com sabedoria das nossas feridas, pois essa é a condição de tudo o que está sobre este mundo.

O que é amar um país

O amor a um país, ao nosso país, pede-nos que coloquemos em prática a compaixão – no seu sentido mais nobre – e que essa seja vivida como exercício efetivo da fraternidade. Compaixão e fraternidade não são flores ocasionais. Compaixão e fraternidade são permanentes e necessárias raízes de que nos orgulhamos, não só em relação à história passada de Portugal, mas também àquela hodierna, que o nosso presente escreve. E é nesse chão que precisamos, como comunidade nacional, de fincar ainda novas raízes.

Nestes últimos meses abateu-se sobre nós uma imprevista tempestade global que condicionou radicalmente as nossas vidas e cujas consequências estamos ainda longe de mensurar. A pandemia que principiou como uma crise sanitária tornou-se uma crise poliédrica, de amplo espectro, atingindo todos os domínios da nossa vida comum. Sabendo que não regressaremos ao ponto em que estávamos quando esta tempestade rebentou, é importante, porém, que, como sociedade, saibamos para onde queremos ir (...); redescobrir o que significa estarmos no mesmo barco.

Reabilitar o pacto comunitário

(...)

É interessante escutar o que diz a etimologia latina da palavra comunidade (*communitas*). Associando dois termos, *cum* e *munus*, ela explica que os membros de uma comunidade – e também de uma comunidade nacional – não estão unidos por uma raiz ocasional qualquer. Estão ligados por um *múnus*, isto é, por um comum dever, por uma tarefa partilhada. Que tarefa é essa? Qual é a primeira tarefa de uma comunidade? Cuidar da vida. Não há missão mais grandiosa, mais humilde, mais criativa ou mais atual.

(...)

Uma comunidade desvitaliza-se quando perde a dimensão humana, quando deixa de colocar a pessoa humana no centro, quando não se empenha em tornar concreta a justiça social, quando desiste de corrigir as drásticas assimetrias que nos desirmanam, quando, com os olhos postos naqueles que se podem posicionar como primeiros, se esquece daqueles que são os últimos.

Não podemos esquecer a multidão dos nossos concidadãos para quem o Covid19 ficará como sinónimo de desemprego, de diminuição de condições de vida, de empobrecimento radical e mesmo de fome. Esta tem de ser uma hora de solidariedade. (...)

Fortalecer o pacto intergeracional

(...) A tempestade provocada pelo Covid19 obriga-nos como comunidade, a refletir sobre a situação dos idosos em Portugal e nesta Europa da qual somos parte. Por um lado, eles têm sido as principais vítimas da pandemia, e precisamos chorar essas perdas, dando a essas lágrimas uma dignidade e um tempo que porventura ainda não nos concedemos, pois o luto de uma geração não é uma questão privada. Por outro, temos de rejeitar firmemente a tese de que uma esperança de vida mais breve determine uma diminuição do seu valor. A vida é um valor sem variações (...)

Robustecer o pacto intergeracional é também olhar seriamente para uma das nossas gerações mais vulneráveis, que é a dos jovens adultos, abaixo dos 35 anos; geração que, praticamente numa década, vê abater-se sobre as suas aspirações, uma segunda crise económica grave. Jovens adultos, muitos deles com uma alta qualificação escolar, remetidos para uma experiência interminável de trabalho precário ou de atividades informais que os obrigam sucessivamente a adiar os legítimos sonhos de autonomia pessoal, de lançar raízes familiares, de ter filhos e de se realizarem.

Implementar um novo pacto ambiental

A pandemia veio, por fim, expor a urgência de um novo pacto ambiental. Hoje é impossível não ver a dimensão do problema

ecológico e climático, que têm uma clara raiz sistémica. Não podemos continuar a chamar progresso àquilo que para as frágeis condições do planeta, ou para a existência dos outros seres vivos, tem sido uma evidente regressão. Num dos textos centrais deste século XXI, a Encíclica *Laudato Sii*, o Papa Francisco exorta a uma «ecologia integral», onde o presente e o futuro da nossa humanidade se pense a par do presente e do futuro da grande casa comum.

Uma viagem que fazemos juntos

Camões n’Os Lusíadas não apenas documentou um país em viagem, mas foi mais longe: representou o próprio país como viagem. Portugal é uma viagem que fazemos juntos há quase nove séculos. E o maior tesouro que esta nos tem dado é a possibilidade de ser-em-comum, esta tarefa apaixonante e sempre inacabada de plasmar uma comunidade aberta e justa, de mulheres e homens livres, onde todos são necessários, onde todos se sentem - e efetivamente são - co-responsáveis pelo incessante trânsito que liga a multiplicidade das raízes à composição ampla e esperançosa do futuro. (...)

Cardeal José Tolentino de Mendonça

Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa, 10 de junho de 2020



Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Junho

15 a 12 Ago	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro Online das Missionárias
21	Vale de Lobos e Online	C.A.R.
21	Online (Facebook VD)	Eucaristia da Comunidade em Vale de Lobos – 18h
23	<i>Online</i>	Formação Bíblica – 21h
28	<i>Online</i>	Vamos Rezar – 21h

Julho

12	<i>Online</i>	Vamos Rezar – 21h
19 a 25	<i>Vale de Lobos e Online</i>	Retiro de Silêncio
30 a 2 Ago	<i>Vale de Lobos</i>	Missão Verão

Agosto

3 a 9	<i>Vale de Lobos e Online</i>	Retiro de Semana
12 a 19	Vale de Lobos	Retiro dos Casais Missionários
22 a 29	<i>Vale de Lobos e Online</i>	Retiro de Semana

Mais informações e inscrições em lisboa.verbumdei.org

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_da oração;

_do ministério da Palavra;

_do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com